

POHÃ NANA E YUYOS: A FRONTEIRA PARA ALÉM DOS ANTOLHOS DO CAPITAL

Pohã Nana e Yuyos: The border beyond the blindness of capital

Pohã Nana e Yuyos: La frontera más allá de los ciegos del capital

*Pohã Nana e Yuyos: Tekoha apyrypive jehesamondo mombryryve ambue kuerare**

DOI 10.55028/geop.v18i35

Kamila Madureira da Silva**
Alexandre Bergamin Vieira***
Valdelice Pereira da Silva****

Resumo: As Fronteiras são espaços vivido pelas suas gentes, onde se entrelaçam as influências dos territórios e dos sujeitos em constante troca/ contato/disputa, constituindo uma identidade fronteira. Neste artigo refletiremos acerca da construção do território e da identidade fronteiriços a partir do estudo de caso das cidades gêmeas Pedro Juan Caballero/Paraguay e Ponta Porã/Brasil e que nos permita revelar uma fronteira para além daquela representação capitalista homogeneizada relacionada ao comércio, destacando o conhecimento tradicional a partir do uso das *pohã nana* e do *yuyos*. Além da revisão bibliográfica, recorremos ao trabalho de campo como fonte primaz para a construção do pensamento geográfico.

Introdução

Este artigo intenta refletir acerca da construção do território e da identidade fronteiriços a partir do estudo de caso das cidades gêmeas Pedro Juan Caballero (Paraguay) e Ponta Porã (Brasil) e que nos permita revelar uma fronteira para além daquela representação capitalista hegemônica e homogeneizada relacionada quase que exclusivamente ao comércio e consumo

* *Pohã nana* e *yuyos*: Tekoha apyrypive jehesamondo mombryryve ambue kuerare é a tradução para a língua guarani do sentido do trabalho, visto que a tradução literal da frase traria diversas possibilidades de interpretação. Ou seja, na tradução para o guarani importa muito mais o sentido do que a literalidade da frase. Para esta tradução um grupo de professores se reuniram e fizeram a partir da nossa explicação do que se trata o presente texto.

** Doutoranda do PPG Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). kamila_agro@hotmail.com.

*** Prof. Doutor do PPG Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). alexandrevieira@ufgd.edu.br.

**** Mestranda do PPG Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). wallsilva1@hotmail.com.

Palavras-chave: *pohã ñana*, *yuyos*, fronteira, identidade, tradicional.

Abstract: Borders are spaces lived by their people, where the influences of territories and subjects intertwine in constant exchange/contact/dispute, constituting a border identity. In this article we will reflect on the construction of border territory and identity based on the case study of the twin cities Pedro Juan Caballero/Paraguay and Ponta Porã/Brazil and which allows us to reveal a border beyond that homogenized capitalist representation related to trade, highlighting the traditional knowledge based on the use of *pohã ñana* and *yuyos*. In addition to the bibliographical review, we used fieldwork as a primary source for the construction of geographic thinking.

Keywords: *pohã ñana*, *yuyos*, border, identity, traditional.

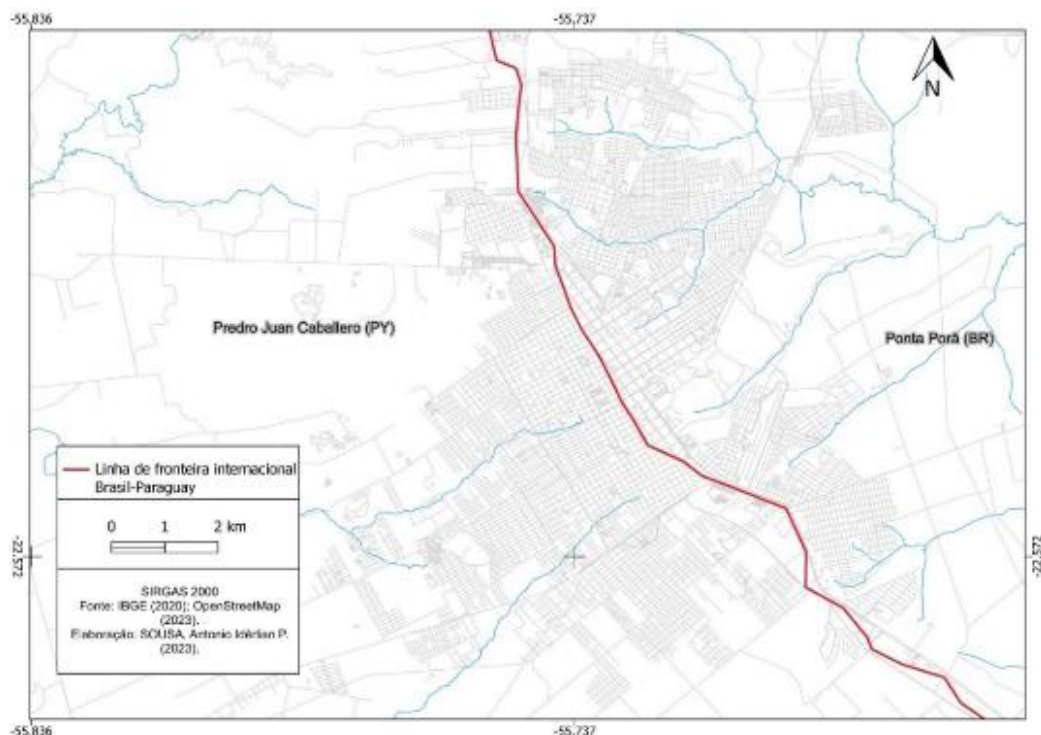
Resumen: Las fronteras son espacios vividos por sus gentes, donde las influencias de territorios y sujetos se entrelazan en constante intercambio/contacto/disputa, constituyendo una identidad fronteriza. En este artículo reflexionaremos sobre la construcción de territorio e identidad fronteriza a partir del estudio de caso de las ciudades gemelas Pedro Juan Caballero/Paraguay y Ponta Porã/Brasil y que nos permite revelar una frontera más allá de esa representación capitalista homogeneizada relacionada con el comercio, destacando los conocimientos tradicionales basados en el uso de *pohã ñana* y *yuyos*. Además de la revisión bibliográfica, utilizamos el trabajo de campo como fuente primaria para la construcción del pensamiento geográfico.

Palabras clave: *pohã ñana*, *yuyos*, frontera, identidad, tradicional.

de produtos importados (de marca nas lojas de importados e/ou piratas made in CH do comércio de rua), destacando o conhecimento tradicional a partir do uso das plantas medicinais (*pohã ñana*) e do *yuyos* (preparado de *pohã ñana* para ser ingerido junto ao tereré).

Ponta Porã, localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, é a quinta maior cidade do estado e que possui aproximadamente 92.017 habitantes (IBGE, 2022) e faz fronteira seca (mapa 1) com Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia, capital do Departamento de Amambay, possui aproximadamente 123.784 habitantes (INE, 2022).



Mapa 1 – Linha Internacional Ponta Porã (BR)-Pedro Juan Caballero (PY)

Fonte: IBGE e OpenStreetMap. Elaboração: Souza, A.I.P. (2023).

O texto busca analisar, para além da atividade do turismo comercial na fronteira Ponta Porã e Pedro Juan, porém, contemplando uma análise que extrapola o capital, e ressalta o humano, trazendo a luz relações sociais talvez antes invisibilizadas e territorialidades fronteiriças ignoradas.

Buscamos ainda, através da abordagem do saber tradicional, retirar os entalhos do capital de nossos olhos para possibilitar uma análise das territorialidades fronteiriças proporcionadas pelo trabalho de campo realizado em Pedro Juan e de escritos sobre as plantas medicinais no Paraguai utilizados como fonte para análise de algumas variedades e seus usos, para endossar o que nos foi dito de maneira informal pelos vendedores de *pohã ñiana* e *yuyos* nas ruas, e que fortalece a manutenção da territorialidade e da identidade paraguaia e de fronteira e que representa uma resistência ao capital e a lógica neoliberal de homogeneização imposta pela globalização.

Turismo de compras na fronteira: Quando o capital sobrepõe o humano

A paisagem de fronteira em Ponta Porã – Pedro Juan Caballero quando vista a priori, ou seja, simplesmente vista, não pensada, tão pouco analisada, é composta basicamente pelo turismo de compras, o fluxo de pessoas que fazem deste local, apenas um lugar de trânsito, onde se compra e vai embora, ignorando que este mesmo local, é lugar de permanência, em que pessoas tecem seu tecido da vida. Neste, o cotidiano simbólico é preenchido pelo vai e vem de pessoas, pela luta pelo alimento e pela sobrevivência, em meio ao emaranhado de produtos com etiquetas Made in China.

O turismo de compras em Pedro Juan Caballero se caracteriza e funciona da seguinte forma:

A cidade recebe anualmente um fluxo significativo de visitantes que, motivados pelas vantagens cambiais competitivas, para ali se dirigem interessados em adquirir produtos estrangeiros para consumo próprio e não com fins comerciais. Este fluxo de visitantes, que além de incrementar o comércio na cidade paraguaia utiliza-se de alguns serviços e infra-estrutura tanto em Pedro Juan Caballero como em Ponta Porã constitui o que aqui se denomina turismo de compras (Martins, 2007, p. 03).

Estas compras podem ser para fins de comércio, vendas, ou mesmo para consumo próprio. Conforme Fellner e Burgos (2021) as fronteiras não só atuam como mecanismos de divisão, mas também atuam como uma “sutura”, que conecta as pessoas, e são responsáveis por privilegiar e/ou marginalizar pessoas, vê-se então a importância de compreender as fronteiras como tecidos densamente entrelaçados por diversas praticas subjetivas ou materiais.

Quando nos dispomos a enxergar os indivíduos, fora das lentes do capital, levando em consideração que estes dois espaços tão próximos, que constituem um território fronteiriço, que se interrelacionam e constroem cotidianamente suas territorialidades, no contexto social em que estão inseridas, que a análise através dos trabalhos de campo, nos proporcionaram vislumbrar a vida acontecendo para além dos arredores da linha de fronteira internacional, onde há uma concentração exclusiva do fluxo de turismo de compras.

A Territorialidade Fronteiriça

Conforme Souza (2018) o fato dos dois países estarem separados por um limite, não significa que haja um muro que blinde as relações entre brasileiros e paraguaios, isto desde o processo em que começaram a se estabelecer na região para a exploração da *Ilex Paraguariesis* (erva mate), até os dias atuais, a formação deste território inicia-se a partir da necessidade de conviver e compartilhar este es-

paço entre dois países, a apropriação e construção do território geram identidades e heterogeneidades e que, estas, concomitantemente, geram os territórios (Saquet, 2009), o que nos remete a outro conceito de importância ímpar, a territorialidade:

A territorialidade-adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (Raffestin, 1993, p. 158).

Nas territorialidades, há continuidades e discontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar, conforme Saquet, (2009), o que nos remete a necessidade de pensar identidade, conforme salienta Souza (2018), que é construída, desconstruída e reconstruída constantemente, não sendo estática e imutável, sendo uma construção social e simbólica, em que cada grupo social cria seus próprios significados vinculados à sua cultura, religião, etnia, território, dentre outros, tendo a globalização um papel importante para a diluição das identidades no nível local e individual, as transformações nos padrões de produção e consumo, fortalecendo o caráter homogeneizante da globalização, transformando as identidades “locais” em atos de resistência à globalização.

Reconhecendo que o processo de globalização não foi capaz de destruir certas características socioespaciais, principalmente, aquelas relacionadas aos aspectos culturais (materiais ou imateriais), evidenciamos, então, a permanência de elementos identificadores de identidades coletivas, principalmente em sociedades tradicionais (como a camponesa) que não se inseriram completamente na onda modernizante (Chelotti, 2017, p. 10).

Diante do exposto, os elementos culturais mantidos, no caso paraguaio, por exemplo, do uso das plantas medicinais, como alternativas aos fármacos sintetizados, reforçando a resistência de símbolos da identidade nacional, visto que, conforme Haesbaert (1999, p. 172), não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes.

O território fronteiro possui um caráter multifacetado da identidade, coexistem nele múltiplas temporalidades, e a linha internacional com seu fluxo rápido, o vai e vem de turistas, as casas de câmbio, o comércio movimentado, quando comparado as ruas localizadas mais para dentro do município, quando saímos da linha e da área de comércio, vivenciamos outra temporalidade e nos deparamos com outras identidades, o que reforça este caráter.

A fronteira como território vivido

Defendemos a ideia de que é de fundamental importância pensarmos a fronteira e o território fronteiriço em seus diversos aspectos de abordagem, de significados e, principalmente, de representações, muitas das vezes enviesadas e equivocadas – principalmente aquelas que remetem à(s) fronteira(as) ao território do crime e da violência, conforme discutem Faisting (2018) e Secatto (2015); a fronteira limitada às ações de vigilância e de controle (Jardim, 2017) ou defesa e segurança (Sherma, 2016); a fronteira enquanto local de comércio (Lamberti, 2006) ou do turismo de compras (Martins, 2007), etc..

Portanto, concebemos a fronteira como territórios que estão em constante movimento, seja de pessoas, através do entrelace cultural que inevitavelmente ocorre, do fluxo de mercadorias, de estratégias de geopolítica, políticas públicas principalmente no que tange a educação, saúde e cidadania, o que determina a característica de uma fronteira viva e pulsante, conforme nos aponta Albuquerque (2010, p. 42):

As fronteiras são fenômenos sociais, plurais e dinâmicos. A imigração brasileira no Paraguai, produz uma pluralidade de fronteiras (políticas, jurídicas, econômicas, culturais e simbólicas) em relação a sociedade paraguaia. Essas fronteiras não são estáticas, mas estão sempre em movimento de redefinição e negociação.

Quem vive próximo aos territórios de fronteira internacional, como é o caso dos municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, tem sempre um contato direto e constante, principalmente em relação ao turismo de compras, muitas vezes fixado na linha internacional, e acaba por se constituir uma representação limitada e restrita desse território fronteiriço à este olhar de “consumidor/comprador”.

A partir do trabalho de campo observamos que este “contato direto” é composto também por um processo de invisibilização social, que ignora a existência do humano, das relações, da cultura, o que nos leva a reforçar o entendimento de que o capital e a ideologia do consumo sobrepõe a tudo e a todos, e nos revela a importância da análise e da reflexão, que nos diz um pouco do outro, e nos traz muito de nós mesmos, nos mostrando as amarras e antolhos que o capitalismo se utiliza para nos impedir de pensar, visto que, conforme Considère e Leloup (2021, p. 194):

O ato de pensamento que leva a construir tais sistemas explicativos alimenta-se daquilo que vemos, ouvimos e sentimos diretamente, mas também do que nos foi ensinado, dos saberes da experiência, dos valores que nos foram transmitidos, das influências familiares e sociais que circulam nos grupos a que pertencemos. Essas construções fabricam nossas opiniões e guiam nossas maneiras de refletir sobre aquilo que nos rodeia.

As representações são, portanto, individuais, porque construídas pelos indivíduos, mas também sociais, porque construídas sob a influência de outros indivíduos.

Pohã ñana, Yuyos e a fronteira

Deste modo, este trabalho de campo realizado na fronteira Ponta Porã – Brasil e Pedro Juan – Paraguai, ocorreu de forma involuntária, a análise e evidências do conhecimento tradicional, através da venda de ervas in natura *pohã ñana*, para serem utilizadas no tereré¹, foram um incrível achado em tempos obscuros do neoliberalismo. O objeto da pesquisa, nos chamou atenção após as visitas ao mercado municipal de Pedro Juan Caballero (distante aproximadamente 1km da linha internacional – perto em distancia geométrica e infinitamente distante na perspectiva geográfica), quando nos deparamos com uma vasta variedade de plantas medicinais tanto secas (“quentes” – utilizadas em chás quentes e infusões) como in natura (“frescas” – utilizadas diariamente no tereré), que após moradores de Ponta Porã, amigos, perceberem nosso interesse nos informarem que isso era muito comum, que haviam vendedores que, diariamente, todos os dias da semana, montavam “barracas” e comercializavam estas ervas em várias ruas de Pedro Juan Caballero, a partir de então começamos a vivenciar, contemplar e também ser adeptos a esta prática tão maravilhosa e inclusiva.

Conforme Santos (1999), observamos tempos diferentes quando nos deparamos com o fluxo comercial na linha da fronteira, e quando chegamos nas barracas que os paraguaios comercializam *yuyos*, sempre com a presença das garrafas de gelo e do tereré, parece que são temporalidades diferentes, o uso do território e o estabelecimento do lugar se dão de formas diferentes, as territorialidades se entrelaçam e traduzem a fronteira como puramente é, um emaranhado de relações, de processos, de culturas e vivências.

O território usado, de relações, conteúdos e processos que permitiria que a política fosse elaborada de baixo para cima – é um campo de forças, lugar da dialética entre Estado e Mercado, entre uso econômico e usos sociais dos recursos, lugar do conflito entre locali-

¹ O tereré é a bebida nacional do Paraguai, que sua origem remonta a origem do tereré remonta a Guerra do Chaco (entre Paraguai e Bolívia, 1932-1935) quando as tropas começaram a beber mate frio para não acender fogos que denunciariam sua posição. Sendo reconhecido pela UNESCO como patrimônio cultural do país, sendo uma bebida refrescante que consiste em uma mistura de água fria com erva-mate (*Ilex paraguayensis*), ervas naturais (ervas medicinais, popularmente chamados de “yuyos”) e gelo, uma bebida que é tão típica quanto a língua guarani. No Brasil, o tereré foi trazido pelos paraguaios, que entraram pelo país através do estado do Mato Grosso do Sul e depois se espalhou para outras partes do mesmo. Todo ciclo brasileiro da erva-mate do tereré teve início na cidade de Ponta Porã, que faz fronteira com Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia, depois expandiu-se para outras cidades e estados. Disponível em: <https://paraguaitete.wordpress.com/2012/11/02/tradicoes-paraguaias-o-terere-e-paraguaio/>.

dades, velocidades e classes. A “universalidade empírica” faz a ponte entre a produção teórica da Geografia e os lugares de realização do mundo, construindo a coerência e a solidariedade entre os eventos. Para tanto, o saber da região tem de ser devidamente considerado produtor dos discursos do cotidiano e da política (Santos, 1999, p. 06).

Sáimos, então, em busca dessas pessoas e suas barracas de *pohã ñana*, para compreender como funcionava este comércio, de onde vinham as ervas, e tivemos uma bela surpresa, estes vendedores estão em praticamente todas as ruas, todos com seus pilões, e o fluxo de clientes é bem grande, chegam e saem pessoas a todo momento, o preço é muito acessível (Gs2.000,00 – em conversão direta R\$2,00) e você sai com uma variedade de ervas medicinais, ainda havendo o interesse em explicar o que são estas ervas, e quais males de saúde elas tratam.

O que nos causou espanto é que na atualidade com o número de indústrias farmacêuticas e a quantidade de franquias para a comercialização destes produtos, a valorização do saber tradicional, fato este que raramente observamos no Brasil, e nas sociedades capitalistas como um todo, que os saberes tradicionais são aniquilados, e a medicina tem se tornado uma garra do capital, para tratar inclusive um leque de doenças da atualidade, que são ocasionadas pelo modo de vida imposto pela lógica neoliberal.

O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, que são transmitidos oralmente de geração em geração, conforme nos aponta Diegues (2000), trazendo o homem como parte da natureza, e não dissociado, desta, como o capitalismo nos leva a compreender, traçando uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”. Através dos saberes tradicionais nos lembramos que há uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social, o que difere muito da ciência moderna, inclusive no conceito de “recursos naturais”, biodiversidade e manejo.

Diegues (2000) aponta, ainda, que o capitalismo nos impõe um conhecimento em que a biodiversidade usualmente definida pelos cientistas, de um conhecimento de domínio exclusivo da ciência, e de laboratórios de empresas multinacionais, conhecimento este obtido de forma solitária em um não-lugar, um parque nacional ou uma outra área de proteção que não permite a presença humana, incluindo a presença das populações tradicionais. Neste contexto a valorização do saber tradicional, e de outras formas, igualmente racionais de se perceber a biodiversidade, além daqueles oferecidas pela ciência moderna, é sem dúvida uma resistência a este modelo imposto, e uma prova de que podemos sim fazer parte da natureza, e utilizarmos dela, não como recurso e sim como parte de nós.

Nas ruas de Pedro Juan, em cada barraca de preparo e venda de *yuyos* (ver a iconografia após o quadro), nos deparamos em como podemos ser parte da natu-

reza, através do contato direto e acessível que temos com uma vasta variedade de plantas medicinais e a indicação dos mais diversos usos, através das explicações dos vendedores, sem dúvidas uma relação íntima e democrática, sendo inclusive recomendada pelo governo paraguaio, estando presentes nos sites governamentais, sendo uma das fontes para a elaboração do quadro abaixo, com algumas espécies de plantas, suas indicações e usos, visto que este é apenas uma demonstração, pois a biodiversidade da flora no que tange as plantas medicinais utilizadas (*pohã ñana*) é riquíssima.

Quadro – Receituário de medicina natural - *Kuachi'a* para '*i po'ã*

Nome Científico	Nome comum Guarani	Nome comum Português	Usos e indicações	Modo de Preparo
<i>Jacaranda puberula Cham</i>	Karoba pytã	Carobinha	Fluxo vaginal, infecção urinária feminina	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Campomanesia adamantinum (Cambess.) O. Berg</i>	Guavira	Guavira	Cólicas, dores gastrointestinais e espasmos	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Maytenus ilicifolia</i>	Kangorosa Ka'aguy	Cancorosa	Menstruação anormal	Chás; Tomar no mate antes das refeições; Tereré
<i>Cabralea Canjerana</i>	Kancharana	Canjerana	Varizes e má circulação do sangue	Chá, tomar durante 30 dias, descansar sete dias, e voltar a tomar.
<i>Psidium australe var suffruticosa A. Tuler</i>	Kurupa'y araguei	Catuaba	Cólicas; Quando a comida fez mal;	Chá, mate ou tereré tomar por uma semana;
<i>Genipa americana L.</i>	Nandypa Moroti	Genipapo	Colesterol; Gota;	Tomar o chá, junto com meio limão, 3 vezes ao dia; por quatro meses; Mate ou tereré;
<i>Baccharis brachylaenoides</i>	Teju Ka'a	Erva do lagarto	Depressão; Tristeza	Fazer a infusão, deixar repousar por 12 horas, e lavar o rosto por quatro dias. Mate ou tereré;
<i>Wenatia calycina</i>	Burrito	Burrito	Digestivo Calmante Protetor hepático	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Mentha piperita</i>	Menta	Hortelã-pimenta	Antigases Digestivo Descongestionante	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Mentha spicata</i>	Hierba buena	Mentha crispata	Antiséptico; Analgésico; Antiinflamatório;	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;

Nome Científico	Nome comum Guarani	Nome comum Português	Usos e indicações	Modo de Preparo
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Romero	Alecrim	Atua sobre o aparelho respiratório;	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Artemisia absinthium</i>	Ajenjo	Absinto	Vermífugo; Antiséptico;	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Lippia citriodora</i>	Cedron Paraguai	Lúcia-lima	Combate a dores no estomago e intestino, principalmente de origem nervosa;	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Cymbopogon citratus</i>	Cedron Kapi'i	Capim-limão	Utilizado no tratamento digestivo e gases;	Chás e infusões; Esfregando as folhas nos dentes previnem as cáries;
<i>Ruta graveolens</i>	Ruda	Arruda	Parasitas, problemas intestinais, e problemas circulatórios.	Utilizada em chás, deve ser usada em pouca quantidade devido a sua toxidez;
<i>Salvia officinalis</i>	Salvia	Sálvia-comum	Estimulante; Antiséptica e antiespasmódica;	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;
<i>Anthemis arvensis</i>	Manzanilla	Camomila-do-campo	Diurético; Atua na cicatrização e nos processos digestivos.	Pode ser feito o chá, tomar no mate ou tereré;

Fonte: Cabral (2021); Pedrozo (2012); Basta *et al.* (2020).

No trabalho de campo (iconografia a seguir) a presença de jovens e crianças nas barracas que comercializam os yuyos nos mostram que a cultura vem sendo repassada através das gerações, e que isto possui um valor que excede o “preço”, muitas famílias sobrevivem destas atividades, mas sem sombra de dúvidas este comércio faz parte da construção e da manutenção da territorialidade local.

Figura 01 – Menina paraguaia preparando a mistura de ervas



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 02 – Variedade de ervas frescas e o preparo no pilão



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 03 – A simplicidade do saber tradicional



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 04 – Variedade de ervas



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 05 – Raízes do bem



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 06 – Medicina preventiva e curativa



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 07 – Menina paraguaia preparando a mistura de ervas



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 08 – Comércio de ervas frescas



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 09 – Macela



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 10 – Mercado Municipal de Pedro Juan



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 11 – Farmácia Natural



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 12 – Guaco e ervas secas



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 13 – Preparo de ervas no pilão



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 14 – Kaítos



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 15 – Ervas secas para infusões e mate



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Figura 16 – La naturezaza



Fonte: Trabalho de campo, 2023. Org.: Autores

Quando conversamos com as pessoas acerca das plantas que estão ali para serem preparadas, percebemos como nos distanciamos da natureza, pois conhecemos poucas delas, ou quase nenhuma, mas se entrarmos nas farmácias de rede, conhecemos inúmeros fármacos químicos, suas finalidades e nos automedicamos sem medo, e quando pensamos em tomar um chá, ou por uma erva no mate ou tereré temos um preconceito automático, sem analisar qual ofereceria maior risco de toxidez ou efeito colateral.

É inegável o encantamento que este comercio simples e natural nos proporcionou, e hoje consideramos uma lamentável perda de tempo, ir até a fronteira, sem abastecer a nossa geladeira com os *yuyos* para o tereré, que são doses homeopáticas de saúde.

Considerações finais

Buscamos neste texto apresentar uma discussão a partir da *pohã ñana* e do *yuyo* como forma de valorização das territorialidades locais e do saber tradicional e popular, como valorização cultural, oriundos das interrelações dos quais o viver, o usar, o praticar e o pensar no território transfronteiriço podem nos revelar, que vão muito além da representação paisagística imagética da fronteira enquanto local apenas do turismo de compras, de um local da violência e do crime ou um local problema, cuja pauta a seja apenas controle, vigilância e segurança.

Assim, a partir da metodologia dos trabalhos de campo realizados no lado paraguaio da fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, entre os meses de maio e junho de 2023, nos permitimos e nos dispomos a enxergar os sujeitos fronteiriços, para além das lentes do capital e do circuito de compras da linha internacional. Isso nos permitiu conjecturar a vida acontecendo para além dos arredores/limites da linha de fronteira internacional e compreender a territorialidade fronteiriça na sua essência a partir do contexto social e geográfico no qual estão inseridos.

Por fim, a pesquisa nos deu a oportunidade deste contato direto com as plantas medicinais (*pohã ñana*), seus usos e preparos, sendo um exercício a ser posto em prática, visto que, estamos condicionados a buscar os fármacos sintéticos para tratar qualquer instabilidade de saúde, mesmo que simples, enfatizamos a importância da ciência, mas não em detrimento do saber tradicional, que é acessível e democrático, ambos caminham perfeitamente juntos, somos meio, somos parte, somos natureza.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. L. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- BASTA, P.; Sousa, I.; Bevacqua, A.; Benites, A, (org.). Pohã Ñana; nãombarete, tekoha, guarani ha kaiowá arandu rehegua/ Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá. Recife: Fiocruz-PE, 2020.
- BRASIL. IBGE. **Censo demográfico 2022**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 27 mai. 2023.
- CABRAL, L. **PO'Ã KA'AGUY – Mbyá**: Relatório de Medicina Natural del Pueblo Mby'a Guaraní. Assunção: Editorial Arandurã, 2021.
- CHELOTTI, M. C.; PESSÔA, V. L. S. Reterritorialização e Identidade Territorial: os camponeses construindo novas territorialidades na fronteira Brasil/Uruguai. **Revista Observatório Geográfico América Latina**. Disponível em <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/107.pdf>. Acesso em: jul. 2023.
- BURGOS, H.; FELLNER, A. Desbordes / Undoing Borders: hacia nuevas epistemologías fronterizas. **Revista Post(s)**, v. 7, p. 12-24, 2021.
- CONSIDÈRE, S. E.; LELOUP, F. Como pesquisar a fronteira pelas representações sociais. In: DORFMAN, A.; FÉLIX, J.A.; FILIZOLA, R. **Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade**. Porto Alegre: Editora Letra1; Editora Diadorim, 2021.
- DIEGUES, A. C. S. **Conhecimento e manejo tradicionais, ciência e biodiversidade**. Disponível em <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/cienciabio.pdf>. Acesso em: jul. 2023.
- FAISTING, A. L. Representações da Violência na Fronteira: um estudo a partir das regiões da Grande Dourados (MS) e do Oeste Paranaense (PR). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 131-174, nov./fev. 2018.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.
- JARDIM, D. F. Imigrantes ou Refugiados? Tecnologias de Controle e as Fronteiras. Jundiá: Paco Editorial. 2017. 256p.
- LAMBERTI, E. **Dinâmica comercial no território de fronteira: reexportação e territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero**. 2006. 93f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2006.
- MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARTINS, P. C. S. **A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. 2007. 102f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2007.
- PARAGUAY. Censo 2022. **Instituto Nacional de Estadística – INE**. Disponível em: <https://www.ine.gov.py/>. Acesso em: 13 mai. 2023.
- PEDROZO, J. S. **Pohã Ñana renda – Plantas Medicinales**. Asunción: Ministerio de Educación y Cultura, 2012.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, p.15-26, 1999.

SAQUET, M.A. Por uma abordagem territorial. In.: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades**: Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009.

SCHERMA, M. A. Políticas de defesa e segurança para as fronteiras nos governos Lula e Dilma. Boletim de Economia e Política Internacional (BEPI), n. 22, p. 65-77, jan./abr. 2016.

SECCATTO, A. G. **Olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai a partir de fotografias presentes nas mídias eletrônicas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

SOUZA, J. A. C. **No soy de aqui, ni de ali. Yo soy!:** Identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero – Paraguai e Ponta Porã – Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.